

PADRE ANTÔNIO VIEIRA: O POLÍTICO E O PROFETA ENTRE A CRUZ E A ESPADA

Valdemar Valente Junior¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo identificar elementos que conduzam a uma análise específica acerca de três sermões escritos pelo Padre Antônio Vieira, tendo em vista sua atuação e seu papel decisivo como orador e homem público. Dono de vasta erudição e eloquência, o Padre Antônio Vieira situa-se no cerne de alguns dos debates mais importantes que têm efeito no transcurso do século XVII, no que concerne ao transe político que ameaça a soberania de Portugal a partir do Domínio Espanhol e da Invasão Holandesa à Bahia e a Pernambuco. Em vista dessas questões, seus sermões advogam em favor do banimento do que não representa o fruto da palavra de Deus no coração dos homens, do mesmo modo que rejeita a ideologia protestante como um sinal da Contrarreforma. Por sua vez, a contradição que reside na violência contra ameríndios e africanos escravizados para efeito da colonização encontra nele alguém que combate com firmeza essa ignomínia.

Palavras-chave: Colonialismo; Discurso conceptista; Ideologia.

FATHER ANTÔNIO VIEIRA: THE POLITICIAN AND THE PROPHET BETWEEN THE CROSS AND THE SWORD

ABSTRACT: This article aims to identify elements that lead to a specific analysis of three sermons written by Father Antônio Vieira, in view of his performance and his decisive role as speaker and public man. Owner of vast erudition and eloquence, Father Antônio Vieira is at the heart of some of the most important debates that have had an effect in the course of the seventeenth century regarding the political trance that threatens the sovereignty of Portugal from Spanish Domain and the Dutch invasion of Bahia and Pernambuco. In view of these questions, his sermons advocate banning what doesn't represents the fruit of God's word in the hearts of men, just as it rejects Protestant ideology as a sign of the Counter-Reformation. In turn, the contradiction that lies in the violence against Amerindians and enslaved Africans for the purposes of colonization finds in him someone who firmly fights this ignominy.

Keywords: Colonialism; Conceptual speech; Ideology.

Introdução

A presença do Padre Antônio Vieira na cena cultural e política do século XVII corresponde ao espírito perspicaz do religioso e articulador político que transita por diferentes

¹ Doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ. Pós Doutor em Literatura Brasileira pela UERJ. Professor do Curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Estácio de Sá. E-mail: valdemar@castelobranco.br Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6190-989X>

escaninhos, entre a Colônia e a Metrópole. Tendo chegado ao Brasil ainda adolescente, mostra-se indignado com a utilização de uma igreja como depósito de armas e pólvora, por ocasião da Invasão Holandesa à Bahia. Tomado de profundo desprezo pela ação dos huguenotes, sua obra e, mais especificamente, alguns de seus sermões, expressam a afirmação da pátria portuguesa como berço das mais legítimas manifestações da fé cristã, a partir do momento em que o constructo referente a sua pena e a sua oratória confirma-se como ideário de seus anseios pela soberania de Portugal como império de Deus. O sonho de grandeza do Padre Antônio Vieira, portanto, concorre para que seus sermões mais significativos digam respeito ao lugar inalienável de Portugal como guardião da cristandade, além de propugnar o retorno da Coroa Portuguesa ao lugar de excelência econômica na liderança de um império colonial que sofre um forte abalo em vista do que representou o Domínio Espanhol como intervenção que para sempre lhe roubaria a posição elevada de que desfrutava.

Em verdade, o episódio de Alcácer-Quibir e a conseqüente perda do trono para os espanhóis concorrem para a derrocada do que não mais teria condições de ser reerguido. A restauração do trono, por sua vez, não tem como promover meios para que o endividamento externo seja revertido, condenando a nação a uma sangria sucessiva dos bens advindos das colônias que servem para amortizar débitos junto aos capitalistas de diferentes países. Nesse contexto, o Padre Antônio Vieira situa-se como articulador das intervenções em planos sociais e políticos que implicam no trânsito que estabelece em vista de contendas no Brasil e na Europa. A isso corresponde a verve afiada do orador e polemista disposta ao debate de ideias, seja no proscênio ou nos bastidores do teatro político. Ao fazer do púlpito sua tribuna, concorre para que se estabeleça a delimitação do que de fato representa o papel de Portugal como país católico e sua pertinaz obrigação de rejeitar o que considera influência maléfica, em vista da expansão do protestantismo como ameaça capaz de desviar a rota de um primado religioso em poder dos portugueses, no que concerne à dilatação da fé cristã entre os diferentes povos do mundo.

Esse primado da fé, por sua vez, acaba por esbarrar em interesses que não correspondem ao que pensa e acredita o Padre Antônio Vieira. Isso diz respeito à remuneração recebida pela Companhia de Jesus, advinda da Coroa Portuguesa, para efeito da manutenção exitosa da catequese entre os selvagens brasileiros. Por esse meio, o trabalho dos religiosos passa a atender diretamente ao desejo de lucro de colonos inescrupulosos que se servem das formas da violência e da opressão para dizimar as tribos e subjugar seus membros. Nesse ponto, parece residir a indisposição do Padre Antônio Vieira no sentido da discordância

que estabelece com colonos e autoridades, em vista do que considera como princípio da igualdade entre os homens, a partir do opróbrio e da ignominia com que índios e africanos escravizados são tratados. Nesse sentido, o modo através do qual se indispõe com os colonos no Maranhão, enfrentando-os, em conta a desigualdade de forças, oferece a dimensão de seu papel, na condição de quem não se limita apenas à pregação, no plano da fé, partindo para o confronto quando se esgotam as palavras de seu discurso em favor dos que dele precisam.

Na condição de conselheiro e confessor do rei D. Afonso IV, da Dinastia de Bragança, que assume o trono português com a Restauração, o Padre Antônio Vieira goza de enorme prestígio nas hostes reais. Seu objetivo, no que se refere ao perdão inquisitorial aos capitalistas judeus, em troca de um vultoso empréstimo a juros irrisórios, não chega a um bom termo. O dinheiro arrecadado teria como objetivo a criação de uma companhia de comércio, nos moldes da Companhia das Índias Ocidentais, capaz de recolocar Portugal no lugar de potência mercantil. No entanto, sua pretensão esbarra nos interesses pessoais dos padres dominicanos, responsáveis pelos julgamentos envolvendo a heresia dos judeus, o que resulta no confisco de seus bens. Além disso, as alterações ocorridas no quadro político fazem com que o Padre Antônio Vieira caia em desgraça junto à Dinastia de Bragança, o que resulta em um processo inquisitorial que o acusa de heresia. Sua defesa diante de um tribunal, no Vaticano, consiste em um longo documento em que argumenta em posição contrária, em vista do desejo do retorno de Portugal ao centro do poder, na condição de ponto de irradiação dos princípios da cristandade.

De volta ao Brasil, ao passo em que trabalha na reelaboração de sua obra, ainda encontra ânimo para exercer sua condição de polemista ao se indispor contra a tirania do governador geral Antônio da Cunha de Meneses, além de escrever ao rei de Portugal condenando a crueldade exercida no combate ao Quilombo dos Palmares. Da parte do pregador e polemista, considerando-se o peso dos anos, os instantes finais de sua existência são do mesmo modo de extremo compromisso. O transcurso de lutas em diferentes campos, entre vitórias e derrotas, define os ideais de vida de uma das personalidades mais representativas da atividade pública brasileira e portuguesa do período colonial. Assim, a dimensão de sua presença em diferentes territórios de disputas não se faz suficiente para que se possa medir a extensão de um sonho de grandeza que tem na pátria portuguesa a sublimação de uma utopia sem tamanho. Nesse sentido, a elaboração de *A chave das profecias*, a obra que sintetiza as ambições mais legítimas de sua condição de homem público,

concorre para que seu desejo nunca possa se realizar, em face do labirinto dos ideais que têm no amor à pátria seu lugar mais específico.

Para efeito desse artigo, em meio a múltiplas possibilidades de observação acerca da obra do Padre Antônio Vieira, optamos por um recorte específico, a partir da tentativa de abordagem do “Sermão da sexagésima”, do “Sermão do bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” e do “Sermão de Santo Antônio aos peixes”. Nesses três sermões, além de identificarmos a luta do Padre Antônio Vieira contra o que considera ameaça, a partir da expansão do pensamento protestante em território dominado pelos católicos, verifica-se a ação das armas no enfrentamento do potencial inimigo que busca estorvar a configuração do que considera como império da fé. Em seguida, propugna em favor dos que nada podem contra os que podem tudo, denunciando a ganância do poder na relação de desigualdade com os mais pobres. Em vista disso, fica patenteada a disposição de Padre Antônio Vieira como personalidade controversa capaz de atuar de diferentes modos e em diferentes batalhas. Essa disposição, por sua vez, se traduz na capacidade de transformar cada uma de suas contendas em versão escrita que o credencia como um dos mais importantes articuladores da língua portuguesa.

O fruto da palavra de Deus

A necessidade premente da retomada do prestígio perdido por Portugal, a partir do episódio funesto da batalha de Alcácer-Quibir, concorre para o agravamento da queda de braço entre protestantes e católicos, tendo em vista as contendas ideológicas envolvendo a movimentação das peças do xadrez político entre a Reforma e a Contrarreforma. Diante disso, a oratória do Padre Antônio Vieira posiciona-se em favor da recuperação do que entende ser território ocupado pelos protestantes, uma vez que, a oscilação do antigo prestígio do católico coincide com a perda de postos do comércio marítimo, que passam para as mãos dos huguenotes. Assim, a perda de prestígio de Portugal, em face do domínio espanhol, necessita do investimento laborioso de quem, como ele, se disponha a reiteradamente semear a palavra de Deus no coração dos homens. Essa sementeira, no entanto, concorre com o que reputa ideologia estranha aos princípios do cristianismo de Portugal como pátria tocada pela inspiração divina que serve de encaminhamento a seus desígnios. Nesse sentido, em face do que impõe às pregações no púlpito, não existe qualquer acordo que possa colocar em um mesmo plano dois postulados religiosos que se conflitam:

Para o jesuíta, mais que impróprio, seria indigno submeter o juízo do sermão ao gosto do auditório – já por ser gosto, faculdade mais da vontade que do intelecto, incapaz de avaliar a justiça com que se repõem as palavras sagradas, aspecto mais irredutível da arte de pregar (PÉCORÁ, 2018, p. 138).

A esse respeito, o “Sermão da sexagésima” coincide com o momento de tensão decorrente da retomada do trono pela Dinastia de Bragança, pouco mais de uma década após essa investida, na ocasião em que a crise econômica concorre para que a fé do rebanho que conduz pareça fraquejar. Nesse sentido, o Padre Antônio Vieira exorta os descrentes a reacender a chama da paixão que os ilumina em vista da multiplicação da palavra de Deus como semente que dever germinar sob qualquer condição, a depender da ação de quem a semeia. O poder da palavra, portanto, tende a atuar de modo a ter no próprio pregador seu ponto culminante, dependendo de sua pregação o resultado benéfico que isso possa representar. Assim, o Padre Antônio Vieira convoca seus ouvintes a com ele dividir a responsabilidade acerca do bom proveito do que considera essencial para combater a ameaça representada pela expansão protestante em território cristão. A dimensão de sua investida nesse sentido não mede o alcance do que possa advir, na medida em que o otimismo que o conduz serve como uma espécie de salvação às almas incrédulas. A isso corresponde o poder de persuasão que o caracteriza como orador e sua capacidade de exercício absoluto sobre seus ouvintes.

A premência do que se anuncia como desastre iminente, em vista da perda de espaços de poder e interpostos de comércio, obriga o Padre Antônio Vieira lançar mão de seu talento de orador para conclamar os cristãos em vista do que se faz necessário reforçar. Assim, o discurso conceptista de que se serve tem por princípio negar a minudência cultista em favor de uma explanação de natureza mais ampla, a partir de um jogo de palavras antepostas que objetivam despertar a atenção do ouvinte como ponto mais elevado de sua proposta. Nesse sentido, a abordagem conceptista sobre um tema configura-se na materialização de um objetivo que do mesmo modo busca introjetar no ouvinte a ideologia do que pensa ser responsabilidade que deve ser exercida por cada um dos cristãos. Diante disso, forma e conteúdo se adequam em sintonia com as convicções que o Padre Antônio Vieira defende, não apenas como um ministro de Deus, mas sobretudo como personagem de relevo no cenário político do Portugal seiscentista, na condição de defensor de seus interesses. A intenção declarada de retomar o poder que se dispersara concorre como objetivo principal de

quem busca ocupar espaços em diferentes frentes na batalha política, o que acaba por levá-lo a responder um processo inquisitorial, sob a acusação de heresia:

O fato é que Vieira atraía contra si um concurso de motivações ameaçadoras. O antissemitismo da Inquisição, de velas enfunadas no século XVII, vislumbrou, com a perspicácia feroz dos perseguidores, traços judaizantes naquelas elucubrações proféticas. Era, aliás, notória a posição do nosso jesuíta em favor dos homens da nação desde quando interviera junto ao rei pedindo-lhe que fossem bem acolhidos em Portugal os judeus dispersos pela Europa (BOSI, 2002, p. 55).

Por sua vez, o “Sermão da sexagésima” cumpre o papel de impor ao pregador a responsabilidade acerca da palavra de Deus como semente cuja frutificação dele depende, uma vez que a essa investida corresponde o sucesso de um projeto político a que abraça como questão que lhe fundamenta a existência. Desse modo, sua atuação corresponde, enquanto isso foi possível, a de um chanceler que se investe da habilidade de negociador para articular o encaixe das peças que dariam azo a seu desejo pessoal de inserção de Portugal como peça principal da máquina mercante que passa a determinar uma nova ordem na dinâmica comercial. Nesse sentido, a visão do Padre Antônio Vieira ultrapassa a limitação totalitária que predomina na Corte, uma vez que, em nome da recuperação do antigo esplendor de Portugal, engendra uma linha de pensamento que busca ultrapassar o parasitismo de práticas superadas. Sua visão de mundo consegue contornar impasses de ordem política e religiosa que não mais se sustentam., uma vez que propugna em favor de uma negociação inédita que fere de morte a tradição do pensamento cristão que contra ele se volta.

A função do homem de ideias estende-se do púlpito aos salões e aldeias como uma sequência de sua atividade de missionário e político capaz de dialogar em diferentes instâncias e com diferentes interlocutores. O modo indistinto com que se faz representar, na condição de personalidade exponencial da cena política, o torna capaz de se inserir em diferentes espaços de atuação. Essa posição corresponde à intimidade com que o Padre Antônio Vieira trata as palavras, em vista de seu elevado nível de erudição, uma vez que se serve das formas do discurso conceptista como termo de articulação de seu pensamento com o objetivo de convencer ouvintes e interlocutores. A isso corresponde ao que no “Sermão da sexagésima” funciona como escopo à intenção de evangelizar com o intuito de redefinir e demarcar o território a ser ocupado pelo cristianismo sem que se faça presente a ameaça protestante a que tanto recrimina como nociva aos desígnios da Igreja. O conjunto das ideias que viabiliza confirma-se a partir de um jogo de palavras que preza pela excelência de um

discurso que insiste em transformar cada um de seus ouvintes em agente do que busca empreender:

O discurso engenhoso cifra-se em alegorias; estas consistem na exposição de significações abstratas, conceituais, através de figurações roubadas ao sensível, numa espécie de criptografia oferecida a um duplo percurso do olho: interior e figural, a alegoria materializa visualmente, falada e escrita, uma interioridade do autor; lida e ouvida, exige um esforço de tradução para que se descubra seu sentido secreto, encoberto pela exterioridade sensível (HANSEN, 1978, p. 175).

Por esse meio, o Padre Antônio Vieira pontifica como articulador dos interesses referentes ao retorno de Portugal à liderança perdida, em vista da engenharia de uma linguagem que acompanha *pari passu* a intenção política que faz do discurso de teor religioso um instrumento de persuasão. O “Sermão da sexagésima”, portanto, corresponde a mais uma peça do enorme quebra-cabeça que dá sentido à sua obra. A força expressiva de um discurso comprometido com os desígnios da fé e os interesses da pátria confirma-se em condições diferenciadas, em situações de conflito a que o religioso defensor dos índios e dos escravos se vê obrigado a enfrentar. Do mesmo modo, o pregador convicto de seu papel alerta o público que o ouve para a necessidade de com ele marchar por campos dispersos semeando a palavra de Deus como um remédio eficaz que possa combater o mal que acredita ser representado pela expansão do protestantismo. Assim, a convicção que o acompanha faz com que o “Sermão da sexagésima” se converta em instrumento de luta de que lança mão para que se estabeleça um limite necessário à contensão diante do que considera como ideologia daninha à paz e à bem-aventurança que só pode ser encontrada na palavra de um único Deus.

Os inimigos da fé

A tensão que se estabelece em vista da Invasão Holandesa toma de assalto o Brasil, no que tange à imposição do invasor determinar por períodos distintos os rumos a serem seguidos à revelia das regras que antes prevaleciam. Nesse sentido, o “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” não apenas exorta o denodo português diante da opressão dos huguenotes contra os selvagens como também recorre à ajuda divina, solicitando de Deus uma providência que pudesse sustar a ignomínia decorrente dessa investida. A voz do pregador, portanto, assume a dimensão do protesto contra a presença indesejada, denunciando o que considera como um ataque sem precedentes à cristandade, o

que concorreria como um termo a desestabilizar o princípio religioso que defende. Nesse sentido, seu pronunciamento, em vista não apenas da invasão protestante, mas também da ameaça ideológica iminente, reitera o que em sua obra se constitui no cerne da questão que busca enfrentar. As consequências dessa investida encontram no ‘Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda’ uma espécie ponta de lança que busca rechaçar os huguenotes a todo custo:

Afinal, o púlpito sagado, em falta do parlamento ou da imprensa, era o único órgão de grande ressonância por onde fazer vibrar ou intimidar as multidões. A verdade é que os melhores sermões de Vieira são justamente aqueles em que o pregador se colocava em posição de combate ou ataque, sobretudo em defesa da liberdade do homem, no infatigável desempenho de uma legítima e abnegada missão cristã (GOMES, 1975, p. 9).

A dimensão do problema como ele se apresenta não consegue se expressar em sua totalidade por meio do “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”, uma vez que a intenção do Padre Antônio Vieira, levando-se em conta o peso de suas palavras, se efetiva por meio de um discurso que ao buscar a anuência do público não o convence em sua maioria. Isso corresponde ao insucesso dos católicos em face do protestantismo que atua de modo eficaz nas duas invasões ao Brasil, sobretudo a partir da invasão a Pernambuco, onde permanecem por um período bastante amplo. A tentativa de destruição do princípio da fé cristã, em vista do que representou a investida protestante, coloca-se para o Padre Antônio Vieira como uma afronta que se estende ao que significou a invasão marítima a que se fez necessário rechaçar com rigor e violência. Assim, o “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” subentende que a pressão exercida por meio da fé não tem como abrir mão da força militar como termo essencial à recuperação territorial como sinônimo do resgate do rebanho cristão que parece se dispersar.

Nesse aspecto, o trabalho realizado pelo Padre Antônio Vieira no âmbito de sua pregação associa a persuasão pela palavra à mobilização armada que se faz precisa no momento de dificuldade em que o invasor expande sua ação à fixação do pensamento que baliza sua conduta, em função do primado reformista que defende como termo que se integra à proveitosa prática comercial que desenvolve. Na verdade, a ameaça protestante, em que pese seu sentido de conturbação da ordem cristã, vem acrescida da ampliação dos mercados que se sobrepõem ao monopólio estabelecido pelos cristãos em suas colônias. A descaracterização do que antes representavam as formas específicas de comércio concorre como termo capaz de alternar de modo significativo a margem de lucro de quem se

acostumara à exclusividade monopolista. Por sua vez, os protestantes buscam impor à atividade comercial relações que prezam pela rapidez das ações, uma vez que a abertura de diferentes linhas de comércio e crédito agiliza a atividade mercantil dotando –a de uma fluidez responsável pelo sentido de flexibilização da aceleração de bens e de capital, o que resulta nas duas invasões que buscam saquear o açúcar brasileiro:

Nas ocasiões em que as esquadras holandesas eram rechaçadas, a linguagem é jubilosa, embora os agradecimentos aos céus pelas vitórias dos colonos venham, com prejuízo da caridade cristã, alternados com expressões de vingança contra os invasores. Mas quando, em 1640, o assédio holandês saqueara o Recôncavo e o ataque à cidade parecia fatal, o orador chega ao ponto de invectivar Deus acusando-o de ter abandonado as armas portuguesas e entregado a Bahia à impiedade dos hereges (BOSI, 2011, p. 19-20).

Por sua vez, há que se refletir que o sonho de grandeza concebido pelo Padre Antônio Vieira representa o destino de Portugal, mas acaba por esbarrar no parasitismo de uma prática cortesã historicamente atrelada a uma política de benefícios, não concorrendo para que a atividade mercantil se efetive em seu real significado. Assim, os gastos desnecessários que são empreendidos, em vista da manutenção de uma casta de ociosos, concorre para o enfraquecimento da economia de um reino que nada produz, e que por esse motivo promove a expansão marítima que o torna o maior império colonial do planeta. Nesse sentido, o Padre Antônio Vieira, no combate sem trégua à ideologia protestante, busca uma alternativa às antigas práticas mercantilistas de Portugal, na medida em que tenta agenciar outras regras que resultem em maiores dividendos e na conseqüente recuperação do lastro de recursos do tesouro real, combatido pelo endividamento que atinge seu limite de insolubilidade. Por conta disso, o sonho que alimenta, em face de Portugal vir a se consolidar como império da fé, não tem como abrir mão de uma hegemonia econômica capaz de concorrer *pari passu* com o reino das palavras semeadas no coração dos homens.

Desse modo, o “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” referenda uma posição que vai da pregação no púlpito ao enfrentamento militar como um processo irreversível. A acusação que se deflagra nesse sermão possui a dimensão de texto que potencializa a condição inevitável de um confronto cuja belicosidade militar afiança a necessidade do combate ideológico. Por sua vez, o conflito religioso tem como anteparo o desacordo que envolve a crise de que Portugal toma parte como protagonista, em vista do que representou a batalha de Alcácer-Quibir como episódio que vitimaria de morte

seu sonho de grandeza e poder. Os desdobramentos desse desenlace resultariam na decadência que enseja a queda da Dinastia de Avis e a derrocada econômica que tem no Domínio Espanhol uma investida fadada ao fracasso. Nesse contexto, a missão do Padre Antônio Vieira sintetiza-se na vontade que alimenta no sentido de trazer de volta a expressão material de um poder que se dispersaria para sempre, correspondendo à realidade de um reino mergulhado em dívidas que jamais retornaria à sua condição anterior:

O momento psicológico, em que se jogava o destino de uma nação, de um império e da própria Igreja na América, Vieira explorou-o com um oportunismo que deixa transparecer, além do sacerdote consciente, batalhador pela justiça social, o político atento ao contexto histórico e que apenas intervinha nos acontecimentos propícios à sua causa e à sua maneira de ser (MOISÉS, 2000, p. 70).

Em vista disso, a função estética do “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” coaduna-se ao objetivo político do Padre Antônio Vieira, no que tange ao relacionamento das palavras proferidas em sermão com a visão prática e objetiva inerente à sua aplicação em proveito do retorno da posição hegemônica de Portugal. Vitimado pelo jogo de poder que o alijaria de um lugar de prestígio junto às instâncias reais, veria seu desejo maior estiolar-se ante a inércia de sucessivos mandatários que insistiriam na manutenção do parasitismo predatório que sepultaria todas as possibilidades de recuperação de uma riqueza que se perdeu. No contexto de instabilidade em que se insere, o “Sermão pelo bom-sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda” confirmar-se como instrumento de exortação de um sentimento de nacionalidade que parece provisoriamente evadir-se, em vista do que se considera como sinais da ameaça protestante. A isso acrescenta-se o quadro de desolação de um reino combalido, a partir de situações que se mostram irrecuperáveis, cabendo à engenharia das palavras a reconstrução simbólica que parece não ter mais remédio.

O reino da usura e da violência

O processo de colonização que teve efeito no Brasil coloca em lados opostos religiosos e colonos, uma vez que a missão de dilatar as palavras do evangelho entre os selvagens confere aos jesuítas um soldo que faz com que determinados setores dessa ordem religiosa procrastinem, deixando de cumprir sua obrigação de protegê-los da violência dos desbravadores que adentram o interior para caçar seres humanos. Nesse aspecto, o Padre

Antônio Vieira coloca-se em defesa dos índios e dos escravos, denunciando o opróbrio e o arbítrio que se abate contra os que não têm meios de se defender da ação predatória dos colonos. Diante disso, impõe-se a contradição que coloca o Padre Antônio Vieira frente a divisões de poder que o expõem a situações de aceitação e rejeição, a exemplo de seu trânsito na corte de D. João IV como, de modo contrário, no episódio em que enfrentou a fúria dos colonos no Maranhão. Por esse meio, verifica-se a instabilidade de situações diante das quais se vê obrigado a estabelecer formas de relacionamento. As diferentes manifestações do que representam os lugares referentes a opressores e oprimidos se constituem em uma espécie de xadrez que lhe requer extrema habilidade na movimentação de suas peças, mas do mesmo modo lhe requisita energia no combate à injustiça:

Como pregador da corte, o jesuíta tem acesso aos estratos do privilégio, mas a sua máquina oratória deve, paradoxal e temerária, investir contra as regalias e as isenções de que gozavam os nobres e os religiosos nessa fase de reerguimento do império duplamente ameaçado; pela Espanha, no xadrez europeu, pela Holanda, na estratégia atlântica e colonial (BOSI, 1992. p. 123).

Daí o “Sermão aos peixes” enfatizar a indignação de quem se coloca como uma voz em defesa dos que não possuem qualquer instrumento capaz de lhes garantir o mínimo direito. Esse sermão baseia-se em uma passagem bíblica para aprofundar a desigualdade e a ganância dos que detêm o poder contra os que nada possuem. Alerta o Padre Antônio Vieira de que no mar os peixes maiores devoram os menores por instinto de sobrevivência, cabendo aos peixes grandes devorarem apenas um peixe pequeno de cada vez. Por seu turno, na terra, entre os homens, os grandes devoram muitos pequenos de uma única vez, o que denuncia a ignomínia do poder contra os fracos e oprimidos. Segundo o Padre Antônio Vieira, essa devoração ocorre por meio da taxaço dos impostos, do elevado custo dos gêneros, das formas implícitas da violência, entre as demais expressões do poder dos que se locupletam de toda a riqueza. A dimensão crítica do “Sermão aos peixes” corresponde a um ponto de observação que privilegia a relação desigual entre os filhos de Deus na terra, tendo o mar e os peixes como metáforas que exemplificam o que se quer expor, da forma que melhor lhe serve, atingindo o entendimento dos que lhe ouvem.

Por esse meio, o “Sermão aos peixes” manifesta-se como exemplo significativo da presença dos colonos como extensão da prática predatória que de uma maneira geral se dissemina, atingindo não apenas a índios e negros como a parte significativa da população

pobre que passa a se configurar nas primeiras cidades brasileiras. Assim, a usura com que os negócios que têm lugar no Brasil se estabelecem fazem com que o “Sermão aos peixes” traga para o âmbito do discurso a prática criminosa observada pelo Padre Antônio Vieira ao longo de sua atividade de pregador por territórios sempre indistintos. A denúncia embutida nesse sermão atende à capacidade de observação de que se serve o pregador para colocar na mesma mesa de negociações os conflitos decorrentes da presença europeia no Brasil como elemento que viria a interferir na relação dos ameríndios com o seu *habitat* natural. Por conta disso, a ganância e a avareza dos homens, em diferentes setores da vida na Colônia, conseguem se sobrepor ao sentido predador dos peixes maiores ao devorar aos que lhes são maiores em tamanho. A desigualdade entre os pontos extremos do poder concorre para que o “Sermão aos peixes” atue como um libelo à ignomínia reinante na Colônia:

Assim o modelo sacramental da pregação mantém a noção de verdade do sermão figurada em uma dupla instância irreduzível, na qual nem a história pode ser entendida autonomamente (sem constituir-se, ao mesmo tempo, como relato inspirado da incansável atividade divina que a sustenta), nem é possível admitir exclusivamente a realidade dos vestígios divinos na história dos homens (sem admitir também a inteira realidade dela, por mais decaída e distante que se apresente da perfeição) (PÉCORA, 2001, p. 14).

A posição defendida pelo Padre Antônio Vieira, mesmo em face de sua relação com as hostes do poder, reafirma a proteção aos indefesos diante do cenário de horrores em que se constitui a exploração de matérias primas no Brasil como objetivo que fundamenta a ocupação colonialista. O Brasil desfruta de uma posição privilegiada entre as colônias de Portugal, no tocante à produção de riquezas. Desse modo, as formas da exploração humana empregadas ratificam a indignação do Padre Antônio Vieira, no que representa a cultura da especulação em todos os seus níveis. A isso acrescenta-se o descaso através do qual se fixa uma cultura de depredação do patrimônio natural como termo que se mostra em sua feição definitiva, uma vez que não se estabelece da parte dos colonos qualquer relação de apego à terra como um bem que se amplie para além do interesse pessoal. Nesse sentido, o “Sermão aos peixes” atua de modo a preencher os espaços possíveis de uma crítica que se faz necessária como contraposição ao que representa o domínio exercido pela Coroa Portuguesa e seus signatários na Colônia sobre os desprovidos de qualquer forma de exercício de pressão, ou seja, os que são vitimados.

Por conta de uma série de fatores, pode ser associada ao “Sermão aos peixes” a dimensão de uma crise de proporções absurdas, em vista da ausência de mecanismos

econômicos que possam minimizá-la. Nesse sentido, a atuação do Padre Antônio Vieira incorpora elementos que dão conta de seu interesse por questões que se agregam à dinâmica dos negócios da Coroa Portuguesa em período crítico, submetida a um processo de insolvência de seus recursos, quase todos empenhados. Assim, a ambição dos prepostos da Coroa Portuguesa na Colônia exerce a forma de uma rapinagem que não poupa qualquer possibilidade de extorsão comercial, fiscal ou de qualquer outra natureza. A crise que se instaura na Colônia no transcurso do século XVII acaba por promover formas de expropriação do patrimônio privado, uma vez que os gastos inerentes a uma nobreza ociosa e despreparada precisam ser mantidos a qualquer custo. Em vista disso, o “Sermão aos peixes”, ao reafirmar sua condição de discurso conceptista, coloca-se como um instrumento que se contrapõe ao sistema, evidenciando as contradições que colocam na mesma balança pesos desiguais:

Opondo-se aos pregadores cultistas, que colocavam em primeiro plano a intenção de seduzir os ouvintes, valorizando os efeitos puramente ornamentais do discurso, Vieira se mostrava partidário de um controle de imaginação para que esta se mantivesse subordinada à verdade teológica, evitando, com isso, qualquer uso intransitivo dos signos verbais (OLIVEIRA, 2003, p. 14).

A iniciativa do discurso religioso serve-se de uma parábola bíblica para denunciar a ambição exercida pelo homem contra o próprio homem. Isso oferece demonstrações evidentes do lugar do Padre Antônio Vieira como articulador que se utiliza do púlpito como quem discursa no parlamento, lançando mão de sua oratória para denunciar a carga de opróbrio despejada contra os que não têm como se defender dos ataques de um sistema que contraria os desígnios de Deus para com seus filhos. A contraposição entre Deus e os homens evidencia diferenças relativas ao encaminhamento de questões acerca da escravidão, uma vez que esse ponto representa uma divergência dentro da Ordem Jesuíta, confirmando-sena posição de independência do Padre Antônio Vieira como um sacerdote a serviço do amor a Deus e à pátria portuguesa. Essa devoção, por sua vez, determina a trajetória singular de quem enfrenta rebeliões e lutas armadas, ao tempo em que prega seus sermões em aldeias de índios e capelas reais, transitando com a mesma desenvoltura por palácios e taperas. O papel desse homem terá sido, portanto, unir os princípios da fé aos ditames da lei para que se cumprissem as promessas do céu e da terra, de Deus e dos homens.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Essencial Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

GOMES, Eugênio. (Org.). *Vieira: sermões*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

HANSEN, João Adolfo. Vieira, estilo do céu, xadrez de palavras. *Revista Discurso*, São Paulo, Universidade de São Paulo, n. 9, 1978, p. 173-192.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 2000.

OLIVEIRA, Ana de. *Por quem os signos dobram: uma abordagem das letras jesuíticas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo; Campinas, SP:EDUSP; Editora da Unicamp, 2018.

_____. Sermões: o modelo sacramental. In: VIEIRA, Antônio. *Sermões*. São Paulo: Hedra, 2001.

Enviado em: 29 de dezembro de 2020.

Aceito em: 09 de maio de 2020.